

# O Brasil se alimenta do pensamento alemão

O diplomata e filósofo Sérgio Paulo Rouanet recebeu em 2005 o prêmio Martius Staden, concedido pela Câmara Brasil Alemanha e Instituto Martius Staden a personalidades de destaque nas relações teuto-brasileiras. Nascido no Rio de Janeiro em 1934, Rouanet é membro da Academia Brasileira de Letras e tem diversos livros publicados, em que lança uma nova luz sobre a ciência humana alemã, entre eles alguns títulos dedicados à Escola de Frankfurt. Como filósofo, é conhecido como iluminista moderno, enquanto ministro foi o autor da lei de incentivo à cultura, a Lei Rouanet. Em Berlim, o diplomata criou em 1995 o Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBRA). Em entrevista exclusiva à *Tópicos*, Rouanet fala sobre os laços culturais entre o Brasil e a Alemanha.

ENTREVISTA: SABINE BARTLEWSKI

*Tópicos:* Qual é a importância do prêmio Martius Staden para o senhor?

**Rouanet:** Fiquei contentíssimo, este prêmio é uma distinção muito grande. São duas referências importantíssimas. Hans Staden, explorador quase devorado antropofagicamente, que está na origem da história do Brasil, na própria identidade do país e von Martius, naturalista que trouxe para a compreensão da realidade brasileira a ciência européia. Essas são as duas fronteiras, uma histórica e outra cognitiva, que ajudam a contextualizar este prêmio e as relações entre Brasil e Alemanha.

*Qual é o diálogo cultural entre o Brasil e a Alemanha hoje?*

Simbolicamente, o Brasil continua se alimentando antropofagicamente do pensamento alemão. Basta ver a difusão extraordinária que têm Karl Marx, Walter Benjamin, Adorno, Horckheimer, Sigmund Freud – no sentido mais amplo do espaço cultural alemão. Inversamente, a cultura brasileira também tem sido canibalizada, para estender o conceito da antropofagia. Sabemos como a música brasileira é importante na Alemanha, desde Villa-Lobos até a

música popular, como a bossa nova. No campo da literatura, também há vários autores brasileiros traduzidos, como Machado de Assis, e contemporâneos, como João Ubaldo. Os filmes brasileiros também fazem muito sucesso, por exemplo, no Festival de Berlim.

*O que vai mudar nestas relações culturais, agora, com Angela Merkel?*

Não dá para antecipar, mas eu diria que as respectivas culturas da Alemanha e do Brasil têm uma densidade própria que vai além da coisa episódica de quem no momento está governando nos países ou do partido que estiver no poder. É evidente que isso não significa que o Estado não tem um papel a desempenhar e poderá fazer muito pela ampliação do conhecimento da cultura brasileira na Alemanha e vice-versa. Agora, para que essa interação cultural se tornasse mais produtiva, seria indispensável que os dois países abrissem mão de certos estereótipos e clichês. Seria importante que o Brasil deixasse de ser visto apenas como país do carnaval, samba, praia, futebol ou do esquadrão da morte, como seria importante que a Alemanha deixasse de ser vista de forma



Rouanet: Premiado

estereotipada, seja no sentido positivo, como a nação apenas de grandes pensadores, seja no sentido negativo, como país dos nazistas. É importante que os dois países se desfaçam desta carga ideológica.

*Como o senhor analisa a trajetória do ICBRA?*

Minha idéia na época era criar um Instituto Cultural Brasil-Alemanha que tivesse, tanto quanto possível, autonomia e que fosse ligado à sociedade civil dos dois países, independente de políticas governamentais. Eu tenho a maior desconfiança do governo como promotor cultural exclusivo. Parecia ser a melhor solução institucional. Mas, tanto quanto sei, houve dificuldades, as verbas governamentais acabaram sendo, apesar dos meus esforços, a principal fonte de financiamento do ICBRA e, no momento em que o orçamento cultural internacional do Brasil minguou, desapareceram as possibilidades para o ICBRA manter-se como uma instituição viva, vibrante, etc...

*O que o senhor mudaria na Lei Rouanet hoje?*

Eu passei a maior parte dos últimos anos no exterior, por isso tentei evitar este envolvimento na discussão sobre a reformulação da lei de incentivo à cultura, que me parece, biograficamente, um capítulo já virado na minha vida. Eu acho que dei uma contribuição. Acho que essa lei é uma lei importante e ela não foi criada para ser uma lei eterna, nada é eterno neste mundo, toda instituição humana é perfectível. Fato é que o Brasil é um arquipélago cultural com assimetrias gritantes de renda entre as diferentes regiões e espero que as regiões menos desenvolvidas sejam mais bem aquinhoadas com recursos gerados pela lei de cultura.

*O que lhe trouxe a experiência de ser ministro? Havia conflito entre o político e o filósofo?*

O filósofo sofreu bastante e ele está se sentindo muito feliz agora!

*Como resgatar a esperança e o otimismo no cenário de descrédito com a política brasileira?*

O governo atual surgiu sob o signo da esperança. Hoje em dia, a situação mudou, há uma sensação de decepção e de angústia com relação aos rumos do Brasil. Mas ainda aposto na esperança, desejo que ela se realize concretamente, não pode ficar eternamente como algo inscrito no futuro. A crise é importante em seu aspecto de discutir as bases do projeto político brasileiro e esperemos que disso possa surgir, por exemplo, uma reforma política que impeça distorções. Também a política cultural há de se beneficiar com isto, com este processo,

digamos, de purificação da política brasileira.

*Qual é o papel da Academia Brasileira de Letras?*

Uma coisa que muito pouca gente sabe é que o nome oficial da ABL quando ela foi fundada era só Academia Brasileira, pois é um clone da Academia Francesa. Não sei bem quando esta terminologia mudou, mas isso é uma coisa muito burocrática. Eu diria que a ABL está cada vez mais tendendo a se tornar uma instituição cultural representativa da cultura brasileira como um todo. Temos agora, por exemplo, o cineasta Nelson Pereira dos Santos, com grandes chances de se eleger, inclusive com o meu voto, pois fui um dos que lançaram a candidatura dele, porque eu achava que estava na hora de abrir cada vez mais o leque da Academia para voltar a ser a Academia Brasileira.

*Seus títulos e prêmios mostram competência e reconhecimento público. O senhor se sente realizado com isto?*

Sinto-me plenamente realizado. Por exemplo, no ano passado eu recebi com muito orgulho a medalha Goethe, que é concedida anualmente a personalidades que se destacaram na defesa, seja da cultura, seja dos ideais representados por Goethe. Eu fiquei muito contente, porque de fato uma das coisas de que eu mais gosto é a cultura alemã e acredito nos ideais universalistas de Goethe, que é um dos meus autores prediletos.

*Qual é o tema e o título do seu próximo livro?*

Estou fazendo um livro sobre Machado de Assis em que tento estabelecer uma comparação entre Machado de Assis e os autores que o influenciaram no seu livro mais conhecido “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o irlandês Lawrence Sterne, o francês Xavier de Maistre e o português Almeida Garret. O título virá depois, mas, se tudo correr bem, sairá na primeira metade de 2006. ■



*Concerto na entrega do prêmio*